

Encontro Anual dos Parceiros da Revista Mãos Dadas

RELATÓRIO

Data: 01 e 02 de abril de 2005

Público: 23 pessoas presentes, representando 19 organizações parceiras e a Equipe Editorial, além de um colaborador convidado.

*“Presumo ser um reducionismo pensar na teologia que a criança constrói.
Ela não constrói teologia, ela a vive” (Pr. Carlos Queiroz, pág. 11).*

ÍNDICE

1º Dia

[Manhã]

Boas vindas, apresentação e comunicados 02

Sobre a reunião do GG 02

Sobre os três desafios 02

[Tarde]

A respeito das avaliações externas 07

Sobre a comunicação com os parceiros 07

Sobre o site de MD 07

Sobre o conteúdo de MD 08

Sobre o projeto *Amigos de Mãos Dadas* 09

Feira das Rodas 10

2º Dia

[Manhã]

Ceia 11

Sobre os próximos temas de MD 11

Definições 12

Legendas 12

Agradecemos 12

Anexo 1: Resultado da consulta sobre os quatro desafios 13

1º DIA (sexta-feira)

Presentes: Arline Poubel, Carlos Más, Cida Mattar, Cristiane Santos, Denise Maranhão, Silvia Letícia, Derci Gonçalves, Débora Fatur, Elsie Gilbert, Eunice Cunha, James Gilbert, Janine Smits, Klênia Fassoni, Lissânder Dias, Luis Alves, Maria Cristina, Marilene Oliveira, Robert Smits, Susete Cardoso, Tércio Sá, Teresa Cristina e Welinton Pereira.

Ausentes: Alfredo Mora, Ailton José Fonseca, Arnulfo Barbosa, Helena Linhares, John Collier, Manfred Ernest Schwalb, Márcia Suss, Maria Leolina Couto Cunha, Roscindes José Correia.

Ausentes representados: Edeval Campos, Jantiena de Jonge, Sara Parker Chagas, Sueli Catarina e Thomas Galphin Smoak.

Convidado: Pr. Carlos Queiroz

Devocional: 08h30

Pr. Carlos Queiroz faz uma reflexão bíblica sobre a necessidade de olharmos a morte não somente como algo ruim, mas também como uma possibilidade de análise e despertar para a vida. Ele desafia os presentes a viverem “como se fosse o último dia de suas vidas”.

Início da reunião: 09h45

Boas vindas, apresentação e comunicados

Klênia dá as boas vindas a todos os parceiros presentes, informa os motivos de quem não pôde participar do encontro e explica como será a programação do mesmo.

Elsie dirige uma dinâmica de apresentação dos participantes. Cada um apresenta outro.

Teresa aproveita para informar aos parceiros presentes que agora ela também está representando a *Geneva Global* no Brasil e que esta organização pretende financiar 15 projetos sociais em nosso país. Teresa pergunta para o grupo se alguém conhece projetos que necessitam deste financiamento. Houve interesse no convite.

Sobre a reunião do GG

Susete comunica como foi a reunião do GG realizada no dia anterior, ressaltando a boa representatividade do grupo e os principais assuntos discutidos: os acordos de longa duração e a criação de uma fundação. “O mais importante é saber que Deus está nisso, a revista está alcançando seus objetivos”, diz Susete. Klênia explica que a proposta de um acordo de longa duração foi enviada primeiramente para os parceiros que têm contribuição financeira mais significativa, o que não significa que os parceiros pequenos são menos importantes. Será entregue uma Carta de Intenções aos parceiros pequenos também. Susete diz que isto é importante porque o investimento não é apenas dar dinheiro. “Todos são importantes porque Deus os está colocando neste lugar”.

Elsie explica o que é o GG, dizendo que seus membros representam a EU, a Red Viva e as organizações que estiveram na primeira edição, além das pessoas que ajudaram a criar a revista. A criação do GG foi necessária para resolver um problema institucional: MD precisava de um proprietário legal, mas os parceiros não queriam que a revista tivesse um “dono”.

Sobre os três desafios

Elsie diz que serão apresentados três desafios que a revista MD foi convidada a assumir. Acrescenta que o GG quer saber se os parceiros desejam assumi-los.

1. Dia Mundial de Oração Por Crianças e Adolescentes em Situação de Risco

Klênia diz que, inspirada pela maneira como a Tearfund valoriza a oração em seu contexto de trabalho, a EU resolveu intensificar esta prática em 2004, estimulando seus funcionários a orarem todos os dias, de maneira mais específica. Klênia fala que, como resultado, a equipe da EU adquiriu mais consciência de que Deus está presente em todo o seu processo de trabalho. “Precisamos acreditar na oração e acreditar nesta ferramenta do DMO. O que estamos pedindo não é que vocês façam o DMO, pois vocês já fazem isso. Pedimos que nos ajudem na divulgação do DMO e que nos dêem um retorno imediato, preenchendo os formulários e descrevendo o que Deus fez, por meio da campanha, nas comunidades de vocês”.

Elsie lembra dos resultados de 2004, destacando que segundo os relatórios recebidos, mais de 5 mil pessoas participaram do DMO.

Teresa garante que a Rede Viva vai promover o DMO no Rio de Janeiro e que os outros parceiros poderiam se interessar em levar cartazes e recursos. Ela sugere que a campanha também seja divulgada na SEPAL. Todos concordam que é necessário divulgar o DMO nesse evento. Elsie diz que a EE produziu o CD de recursos para ajudar na realização da campanha e todos têm autorização para reproduzir o material. Tércio diz que é importante envolver pastores, em rede, promover vigílias, grupos de oração e trabalhar com as lideranças das igrejas. Elsie diz que uma pesquisa da Viva Network revelou que mais de 70% dos que oraram em 2004 eram crianças; e diz também que a EE recebeu mais de 40 desenhos de crianças com orações escritas. “Vemos a criança do projeto como carente, no entanto ela não se vê assim”, fala Elsie. Débora concorda e lembra que quando sua organização realizou o DMO, eles realizaram uma programação bem bonita, com música e brincadeiras; no entanto, ela percebeu que as crianças não oravam por elas mesmas, mas pelos outros. Elsie lembra ainda da experiência de intercâmbio entre crianças atendidas pela Casa Filadélfia, em São Paulo, e crianças atendidas pela Diaconia, no Nordeste. Elas trocaram orações e puderam vivenciar um pouco da realidade de outras crianças.

Tércio lembra o problema da FEBEM (Fundação Estadual de Bem Estar do Menor – SP) e acrescenta que seria interessante se todos pudessem mobilizar a imprensa para “cobrir” o trabalho das igrejas, o DMO e a defesa de direitos que os cristãos praticam. Maria Cristina pediu para dar um testemunho. “Meu sonho era ver as crianças da ABBA orando. Então, fiquei responsável por promover o DMO em nossa organização. Nove crianças oraram comigo. Deus respondeu nossas orações e elas foram reintegradas em lares e institutos. Uma delas não tinha pais; hoje tem. Os pais de outra eram alcoólatras, hoje se converteram”.

Teresa ressalta a importância de enviar a avaliação do DMO e lembra que ela pode ser feita, automaticamente, pela internet.

Tércio diz que está pensando em um pacto anual para que o Brasil todo ore. Uma das ações de divulgação é colocar o *link* do DMO nos *sites* dos parceiros.

Cida Mattar diz que todas as organizações que têm boletins eletrônicos podem divulgar o DMO em seus boletins.

Arline acha que o desafio é conseguir estimular as pessoas a enviarem seus testemunhos e contar as bênçãos oriundas do DMO. Ela pergunta como devemos fazer isso. Débora diz que este problema é cultural. Ela acha que disponibilizar um número telefone, como 0800 ou 0300, pode ajudar. Elsie lembra que a Viva Network também enfrenta esta dificuldade. A EE se compromete em telefonar para pessoas que participarão do DMO deste ano para estimulá-los a enviar seus relatórios de atividades.

2. Movimiento Juntos Por La Niñez

Klênia explica que o objetivo do MJN é mobilizar a igreja para questões da criança e do adolescente (em risco ou não). Mas devido à realidade da América Latina, a ênfase acaba sendo a criança em situação de risco. O MJN tem várias linhas. A primeira é teológica (qual o lugar da criança no Reino de Deus?)

Welinton diz que isto é uma mudança completa de paradigma: a criança nos ensina e não nós a

elas. Tércio conta que foi “impactado” em Campinas, na igreja que ele pastoreia. Uma família que não era freqüentadora assídua da congregação converteu-se, a partir do testemunho dos filhos pequenos. “A teologia da igreja precisa ser para a criança”, diz ele. Elsie afirma que 80% das pessoas nos EUA se converteram antes dos 18 anos e mesmo assim as igrejas dos EUA gastam apenas 10% dos seus recursos financeiros com essa faixa etária. Cristina diz que as crianças são “tesouros escondidos”.

Klênia cita alguns dados: 6 milhões da população mundial têm 15 anos ou menos. “Até por questão de estratégia, não podemos ignorar a criança”, diz. Ela cita a chamada *Janela 4 por 14*¹. O MJN já realizou várias consultas reflexivas e deseja mais envolvimento do Brasil. O ELACNI é um exemplo. Os próximos passos do MJN são: continuar com consultas nacionais independentes e gerar uma grande mobilização em 2006 que foi eleito como o Ano Latino-americano e Caribenho da Criança e do Adolescente. O maior objetivo do movimento é despertar a igreja. Ele quer falar para a organização, mas também conscientizar a igreja. Débora pede para recapitular o item sobre reflexão teológica.

Klênia esclarece que o MJN não pretende afirmar que o Brasil não tem reflexão teológica, mas que isto acontece de forma isolada. A idéia é que a igreja veja as reflexões que já existem, sistematize-as e produza outras em conjunto. As reflexões teológicas produzidas podem ser divulgadas através de publicações e consultas. Klênia informa que o GG trouxe uma posição definida na reunião do dia anterior: o grupo de parceiros deve fazer parte do MJN, contribuindo na mobilização para que ele cresça no Brasil. A EE, no entanto, não tem condições estruturais para liderar o movimento e deve se responsabilizar somente em criar uma estrutura forte na área de comunicação. Portanto, alguma organização ou rede precisa assumir a responsabilidade de liderar o MJN no país. EE e GG sugerem que a Rede Evangélica Nacional de Ação Social (RENAS) assuma tal atribuição, por entenderem que o MJN se encaixa mais na vocação da Rede. A RENAS receberia o apoio completo dos parceiros de MD. Se os parceiros concordarem, a proposta deve ser encaminhada à RENAS que decidirá se aceita ou não a indicação.

Cida comenta que o MJN realmente precisa de uma liderança representativa. Débora pergunta se todos conhecem a RENAS.

Elsie faz, então, um histórico da RENAS (quando começou, situação atual, estrutura institucional, etc). Ela pergunta se os parceiros presentes têm entusiasmo em apoiar o MJN e se concordam que a liderança do movimento fique a cargo da RENAS (que tem características de mobilização e representatividade). Klênia explica que isto significa que “queremos que cada parceiro apóie o MJN, juntamente com a RENAS e a EE. Vamos enfatizar a participação de cada parceiro. Passar a responsabilidade para a RENAS não significa que não vamos fazer nada”.

Elsie ressalta que o MJN tem como atividades principalmente eventos e, talvez, produção teológica. Klênia acrescenta ainda a coleta de informações com uma de suas atividades.

Com relação às consultas nacionais, Elsie lembra que o Brasil tem dimensões continentais e, por isso, MD não dá conta de assumir tudo sozinha.

Cristiane diz que um grande desafio é sensibilizar as igrejas, citando a sua própria.

Cida acha que “se pensarmos na coisa muito grande, ficamos amedrontados”.

Welinton lembra do Movimento Evangélico para a Redenção do Menor (MEM) que foi vanguardista. Tinha este objetivo: mobilizar a igreja para ação social, a partir da criança, sem ênfase na reflexão teológica. “Já se caminhou muito por este caminho”.

Elsie diz que o MJN não tem senso de hierarquia; não quer ser o “dono”.

3. Metodologia Claves

Elsie explica que o *Claves* é uma metodologia de trabalho que visa resgatar a sexualidade sadia. Arline Poubel diz que descobriu este método (desenvolvido pela *Juventud Para Cristo* do Uruguai) em um encontro de parceiros da Tearfund no Uruguai. A Tearfund demonstrou o

¹ Janela imaginária que abrange parcela da população entre 4 e 14 anos de idade, não-alcançadas pelo Evangelho.

interesse de iniciar a metodologia também no Brasil. Foi realizada, então, uma consulta em Recife (PE) com o objetivo de descobrir que passos deveriam ser tomados para que isto acontecesse. Participaram da consulta as seguintes organizações: Abiah-Oasis (SP), Casa Filadélfia (SP), Diaconia (PE), Rede Viva (RJ) e Revista MD. A Abiah-Oasis e a Casa Filadélfia desistiram do projeto por questão de prioridades. A EE continua interessada. A Diaconia e a Rede Viva (RJ) já começaram a usar o material; elas estão gostando e acham viável para uso. Elsie explica que a revista MD prometeu à equipe do *Claves* no Uruguai que o projeto seria apresentado aos parceiros. Ela pergunta se os parceiros sentem entusiasmo em participar do projeto e informa que eles receberão um formulário para opinar sobre os três desafios expostos. Cida pergunta se MD vai liderar o *Claves*. Elsie responde que “somos como um pára-choque; recebemos o convite e perguntamos se vocês querem apoiar”.

[Intervalo para cafezinho de 11h45 às 12h]

Todos retornam do intervalo. Arline explica que a Tearfund resolveu apoiar o *Claves* porque é o objetivo da organização incentivar a troca de experiências, o que ela chama de “transferência de metodologia”. Ela diz que a JPC do Uruguai se preocupa com o protagonismo infantil e também em medir cientificamente o que produz. O método do *Claves* é baseado no fato de que criança gosta de brincar. O fato é que é difícil proteger a criança de situações de risco e este método tenta capacitá-las para protegerem a si próprias dos abusos sexuais. O *Claves* é baseado em uma pesquisa sobre resiliência². Os resultados da pesquisa mostraram que algumas crianças estão mais aptas para protegerem-se do que outras. Os pesquisadores descobriram dezoito fatores de proteção (posteriormente resumidos a cinco). Segundo Arline, o *Claves* acredita que a criança precisa saber que há o “segredo bom” e o “segredo ruim”, ou seja, saber dizer “sim” e “não”. Se a criança sabe disso, ela consegue se proteger. A idéia é que a criança aprenda tudo isso brincando. A Tearfund concluiu que para os parceiros do Brasil seria interessante fazer prevenção no nível primário, mas que eles próprios deveriam decidir de isto é realmente importante para suas organizações. O processo de implantação do *Claves* foi iniciado e logo os envolvidos se depararam com a dificuldade de contextualizar o material para o Brasil. Por isso, decidiram produzir uma edição limitada com o objetivo de testar sua funcionalidade. Ficou então definido que a Diaconia, a Rede Viva e a Revista MD farão treinamentos para testar o material. Se o resultado for positivo, no futuro, mais material será reproduzido.

Elsie esclarece que há dois trabalhos com relação ao *Claves*: um é a reprodução ou divulgação de material; o outro é a sua assimilação. “Precisamos saber o que os parceiros acham. Temos avaliação positiva da Deusirene, da Rede Viva (RJ), mas com a ressalva de que não é adequado aos adolescentes brasileiros, por ter uma linguagem mais infantil. O conteúdo do material não é evangelístico, mas aponta para a constatação de que a criança precisa saber que existe um Deus. Não é uma proposta de prevenção ao abuso sexual exclusivamente, mas dos maus-tratos no geral”.

Arline lembra que o método valoriza o protagonismo infanto-juvenil, acreditando que a criança pode se proteger. Os próprios agentes que trabalham com elas a treinarão. Por isso, MD foi convidada para participar. A idéia é compartilhar o que é interessante. A equipe do *Claves* não quer que os brasileiros usem os mesmos jogos do material, mas que criem seus próprios. Elsie acrescenta que o *Claves* foi criado por especialistas (psicólogos, psiquiatra, comunicólogo) e que, além disso, a equipe é sinérgica.

Eunice diz que o que a empolgou é que o *Claves* é praticamente um “movimento de proteção”. No Uruguai ele já é conhecido em todo o país e exerce um impacto em todos os lugares, não apenas entre o meio evangélico. Welinton pergunta se o método tem alguma referência sobre disciplina da criança, sobre bater ou não bater. Eunice responde que eles têm outros materiais

² Publicada resumidamente na edição nº10 da revista *Mãos Dadas*, de novembro de 2004, página 08.

mais específicos sobre este assunto. E Arline acrescenta que há um livro sobre como disciplinar adolescentes.

Eunice diz que usa o método com as mães na Rebusca (organização social em que trabalha). Cida pergunta se os conceitos do material são alinhados com os princípios bíblicos. Arline diz que sim: “nas músicas, nos dramas, em tudo os princípios bíblicos estão implícitos”. Arline explica que num país ateu como o Uruguai, foi preciso criar um material contextualizado para que todos pudessem utilizá-lo. No entanto, a ideia é que os agentes sociais possam usar o material e depois evangelizar.

Elsie ressalta que o *Claves* valoriza muito o cuidado do corpo.

Klênia pergunta se o método fala sobre a questão do sexo antes do casamento. Elsie responde que não e que o que ele mais pretende é estimular a conscientização do que é bom.

Arline diz que o método segue o princípio do cuidado do próprio corpo, de que o corpo foi criado por Deus. Elsie acrescenta: “de que o corpo é bom”.

Elsie lembra que um outro princípio é: “me relacionar bem é bom”.

Mencionando a pesquisa sobre resiliência, Elsie fala que os cinco fatores encontrados nas crianças com capacidade de superar as adversidades são: a) redes sociais de apoio social; b) capacidade de procurar o significado da vida, sentido e coerência; c) atitudes sociais e pró-ativas para resolver problemas; d) auto-estima e concepção positiva de si mesmo; e) senso de humor.

Eunice conta que começou a desenvolver o *Projeto Calçada*³ na Rebusca e que 14 pessoas já fizeram o treinamento necessário. Ela sonha que o *Claves* seja usado também.

Teresa diz que conversou com o Luis Cesari (um dos idealizadores do *Claves*) e, segundo ela, ele espera que MD distribua e produza o material no futuro. No começo, cada parceiro do projeto receberá 60 exemplares. O resto fica com a JPC.

Elsie diz que o convite à MD não é para produzir e distribuir o material, mas sim se a revista e o grupo de parceiros querem ou não apoiar a implantação do *Claves* no Brasil. A Diaconia já está implantando no Nordeste.

Teresa diz que o convite não é para MD participar; ela já está participando.

Elsie diz que a EE não pode decidir se MD vai participar da capacitação. Os parceiros é que devem decidir se querem ou não participar e realizar o treinamento.

Débora pergunta qual, afinal, é a proposta.

Eunice explica que MD é uma das entidades responsáveis em avaliar o material.

Elsie explica que a Tearfund sugeriu que MD faça orçamento do treinamento na região sudeste. Ela, porém, disse que só poderia fazer isto depois de consultar os parceiros.

Welinton acha que este treinamento deve ser feito com a visão de formar multiplicadores. O que serão treinados devem, por sua vez, treinar outros.

Cida acha que a RENAS poderia articular estes treinamentos, já que suas ações são mais abrangentes.

Klênia expõe o conteúdo do formulário entregue e diz que ao lê-lo, o assunto ficará mais compreensível.

Teresa pede para que o treinamento seja realizado no Rio de Janeiro.

Klênia pede para os parceiros preencherem os formulários sobre os três desafios propostos.

Marilene informa a triste notícia de que um projeto do Exército de Salvação no Rio de Janeiro foi assaltado. Ela pede para todos orarem pelas crianças do referido projeto.

Robert ora pelos trabalhos do encontro, pelo projeto social que foi assaltado e pelo almoço.

Término: 12h45

³ Projeto criado pela Missão SGM que tem como objetivo difundir uma literatura específica para crianças que vivem em situação de rua e capacitar os educadores cristãos para usá-la. O kit, com histórias bíblicas ilustradas, figuras para colorir, cartões de bolso, *origami* e um cartão de oração, ajuda no processo de cura interior da criança.

Almoço

Início: 15h00

Apresentação

Os parceiros que chegaram na parte da manhã apresentam-se aos outros.

Sobre as avaliações externas

Lissânder faz um resumo das duas avaliações externas feitas sobre a revista MD: uma, mais longa, realizada por Alexandre Brasil; e uma, mais breve, feita por Débora de Arco, da Tearfund. Ambas as avaliações foram muito positivas, destacando a importância do ministério da revista MD.

A avaliação feita por Alexandre Brasil foi exaustiva e analisou todos os aspectos de MD. Entre os pontos positivos, o avaliador descreveu a contribuição plural de uma revista escrita por várias mãos; um ponto negativo foi o processo de distribuição do periódico, que, segundo ele, deve ser mais eficiente. Lissânder leu as principais recomendações de Alexandre sobre o conteúdo da revista, a relação com os leitores e sobre a produção e distribuição da mesma, destacando a importância da participação mais intensa das organizações parceiras.

A avaliação feita por Débora de Arco destaca a revista MD como “uma excelente proposta” e um bom “exemplo de trabalho em rede e solidariedade”. No entanto, ele cobra uma participação maior das próprias crianças e adolescentes no conteúdo de MD. Débora também sugere que MD aborde mais a questão de defesa de direitos ou “incidência nas políticas públicas”.

Sobre a comunicação com os parceiros

Lissânder diz que a comunicação com os parceiros é feita basicamente por e-mail, telefone e carta. Ele informa que foram enviados 20 boletins eletrônicos quinzenais em 2004 às organizações parceiras (média de duas semanas e meia entre um boletim e outro). O formato padrão dos boletins preserva a ideia de interatividade. As sessões contêm espaços para notícias da EE, notícias e estatísticas relacionadas à infância, indicações de boas publicações e *sítes*, frases e opinião do leitor. Ele lembra que o boletim pode ser um canal de informação muito útil aos parceiros. Por exemplo: a AEBVB, uma das ganhadoras dos Prêmios MARCI⁴, resolveu concorrer ao prêmio depois de ser informada sobre a existência do mesmo através de um boletim eletrônico dos parceiros. Lissânder pede aos parceiros que participem do boletim, enviando notícias, comentários e dando sugestões.

Ele conclui dizendo que a EE está à disposição de todos os parceiros para qualquer ajuda necessária.

Sobre o site de MD

Lissânder faz a exposição, em *datashow* e *on line*, do site de MD. Apesar do atraso, o site está em fase de conclusão. Descrevendo as páginas principais do site, Lissânder destaca a *home*, o espaço para os parceiros e para o DMO e o conteúdo completo de todas as edições de MD. A equipe contratada para colocar o site em funcionamento criou um sistema de atualização e interação que possibilita a mudança automática das páginas e a comunicação imediata com os internautas. Ele lembra também que, diferentemente do público-alvo da revista impressa, o público do *site* são os gerentes ou executivos das organizações sociais.

[Intervalo: 16h20 - 16h40]

⁴ Premiação iniciada em 2004 com objetivo de laurear projetos sociais cristãos ligados à infância na América Latina. O prêmio foi entregue em ocasião do *Encuentro Latino-americano y Caribenho sobre Niñez e Iglesia* (ELACNI), em Campinas (SP), em novembro de 2004.

Sobre o conteúdo de MD

Todos votaram para escolher a melhor capa de MD do ano de 2004. A vencedora foi a capa da edição nº9, de julho, sobre a compaixão. A imagem mostra duas meninas sentadas juntas; e uma delas está consolando a outra. Elsie comenta que esta foto sensibilizou muitos leitores. A capa da edição nº8, sobre a oração, em que aparecem três crianças sorridentes de raças diferentes, ficou em segundo lugar na preferência dos parceiros presentes.

Os parceiros também votaram qual foi o tema melhor abordado em 2004. A edição nº9, com o título *Compaixão é... ver, ouvir, falar e agir*, foi a vencedora.

Os parceiros também votaram qual edição teve a abordagem mais aquém do desejado. Cida acha que foi a edição nº 11, com o título *Eu tô aqui, ó! - O Desafio de Enxergar a Criança de Maneira Integral*. Segundo ela, o tema da capa precisou de “mais assunto”, teve uma abordagem “rasa”.

Elsie disse que foi difícil escrever sobre o assunto, pois o tema é muito amplo.

Para Welinton, ainda não temos uma teologia da criança, por isso a EE não tem como abordar o assunto de maneira mais profunda.

Carlos Queiroz contribuindo com a discussão, sugeriu algumas alternativas de abordagem do tema. Ele sente a falta de uma teologia feita com a criança e olhando para ela, ou seja, a construção de temas teológicos relevantes vistos mais na criança. Segundo ele, uma possibilidade de abordagem seria perguntar o que existe de teologia nos registros feitos por crianças (orações, teatro, peças, testemunhos, etc). O segundo passo é fazer cortes nestes registros e perceber o que há neles sobre teologia e missão integral. É importante olhar para a criança e ver seus gestos de compromisso social e de transformação (mudança de vida). Por isso, é bom animá-las a produzirem peças, orações, etc.

Welinton concorda com Carlos Queiroz porque “falar pelo outro é muito complicado. Falar em nome da criança é muito complicado”.

Cristina diz que dá aula na escola dominical para crianças de 5 a 9 anos. Agora ela está dando aulas para crianças de 9 a 14 anos. Com esta mudança, ela percebeu algo: os mais novos vêm mais claramente Deus como um pai, enquanto os mais velhos têm mais dificuldade em entender esta imagem de Deus. “Se uma criança crê que Deus é uma pessoa, ela se relacionará melhor com ele. Precisamos transmitir a ela a teologia de Deus como pessoa”, diz Cristina. “Para isso, é preciso contar com a ajuda de livros e publicações sobre o assunto”.

Elsie acha que a mesma dificuldade de abordagem aconteceu com o tema da oração (edição nº8). “Quanto mais focado for o assunto, melhor fica a revista. Quanto mais componentes, mais difícil tratar”.

Carlos Queiroz ressalta o discurso de Jesus para olharmos para a criança. “Quem sabe quando fizermos isso, perceberemos uma nova teologia?”.

Segundo Arline, “falamos da criança como se nunca tivéssemos sido criança; quando esquecemos isso? Se pudéssemos pensar sobre isso, seria bom. É um ponto crucial para nos conectarmos com a criança”.

Elsie lembra que precisamos pensar também que é o agente social quem participa do protagonismo da criança. Por isso, “servimos ao agente para que ele sirva à criança”.

Arline aconselha que “devemos apontar um caminho para que o agente ouça a criança”.

Elsie justifica que a EE teve pouco tempo para produzir as edições em 2004: “Fiquei praticamente 3 meses fora do ar. Tive um problema de saúde”. Ela destaca que MD teve progressos, com o aumento no número de cartas recebidas e a redução do intervalo de respostas aos leitores, além da “afinação” maior da EE.

Cida pergunta quais as metas quanto à distribuição de MD.

Elsie admite que a distribuição é falha, em parte pela pouca participação ativa dos parceiros.

Pede para que cada parceiro envie a lista de funcionários dos projetos que administra.

“Enquanto não fizermos isso, não alcançaremos o objetivo”. Elsie informa que neste ano, a EE enviou etiquetas aos projetos para que eles mesmos atualizassem suas listas. “A atualização

geral por telefone não foi feita. Isso é difícil. Klênia criou a idéia *Amigos de Mãos Dadas*, que exige compromisso dos parceiros”.

Sobre o projeto *Amigos de Mãos Dadas*

Klênia diz que a EE pediu financiamento aos Correios para distribuição e ampliação de MD, mas não foi aprovado. A idéia do projeto *Amigos de Mãos Dadas* partiu da conversa com equipe da revista *Passo a Passo*⁵, da Tearfund. Ela tem o mesmo problema de distribuição que MD. Klênia ressalta que a RU tem uma ótima experiência com os *Amigos da Ultimato*. O índice de renovação de assinatura deste grupo é de 90%, o que constata que há grandes possibilidades da idéia dar certo. A vantagem é que o relacionamento com o assinante acaba sendo aprofundado. Trazendo a idéia para MD, a distribuição será melhorada, a voz do agente será mais ativa e haverá uma aproximação maior com os diretores dos programas sociais. Klênia pede que os parceiros levem uma caixa que a EE preparou e a entreguem para uma mulher (ela justifica a escolha dizendo que 80% a 85% dos agentes sociais são mulheres). Essa é a primeira etapa do projeto *Amigos de Mãos Dadas*. Klênia explica que há aproximadamente 30 “amigas” de MD, mas lembra que há alguns “amigos” espontâneos, inclusive, homens (para os quais a caixa será adaptada). O perfil imaginado é de uma agente social que tem até o segundo grau (inclusive, faxineiras, cozinheiras e lavadeiras) e que, geralmente, é uma pessoa amorosa. Klênia mostra o conteúdo da caixa e lê o diálogo fictício escrito para ser entregue a cada “amiga” de MD. Ela informa que os “amigos” de MD vão receber capacitação mais abrangente, com contatos a cada dois meses para construir um vínculo. Lembra ainda que não é uma capacitação caracterizada pela subordinação.

Débora acha que isso vai melhorar muito, porque quem vai receber a caixa é o agente. Mas lembra que o problema é a questão da rotatividade do agente. Klênia aconselha que os parceiros escolham uma pessoa de confiança. Tércio acrescenta que o parceiro precisa se lembrar em substituir a “amiga” quando ela, eventualmente, for demitida.

Elsie explica que a idéia é que há dois tipos de atores interessados: os parceiros e o agente social (público-alvo). O parceiro tem influência. O agente é o nosso maior interesse, mas ele não tem voz. Como aumentar a voz dele para que ele se comunique com os outros agentes?

Welinton lembra que, na verdade, nosso alvo maior é a criança e que o agente é a “ponte”. Ele avisa que “corremos o risco de valorizar demais este agente, enquanto ele não pode mudar a realidade. Temos que ter o equilíbrio para não valorizarmos só um lado”.

Elsie acha que “é mais comum o coordenador ter acesso à informação boa do que o agente que vive se esbarrando com a coordenação do projeto”

Eunice diz que a idéia da Klênia é divulgar a revista. Por isso, é importante escolher pessoas que sejam boas em divulgar MD.

Klênia acha que, pelo menos, nesta primeira parte do projeto, não haverá o problema de discordância entre o coordenador e o agente social, porque são duas pessoas seguindo a mesma direção, “porque vocês (coordenadores) é que vão levar a caixa para o amigo”.

Derci se preocupa com o risco da idéia parecer uma espécie de boicote. “Como MD vai alcançar o agente, sem passar pelo diretor?”

Elsie responde que este problema não tem existido, com a Visão Mundial e Compassion, por exemplo. Cada um vai escolher um agente. Cada uma vai levar só uma caixa.

Welinton acha que esta divisão muito dura que a Elsie faz é prejudicial. “Devemos conscientizar que todos na instituição têm o papel de educador. Você fecha muito isso. Eu me considero um agente”. Elsie responde dizendo que “não queremos é que a coisa fique no alto. Queremos as pessoas que têm contato com a criança. O que acontece é um tipo de sistema de castas nas organizações. Geralmente, os agentes são pessoas boas, mas de igrejas mais pobres”.

Tércio concorda que MD não pode focar muito no agente e esquecer dos outros.

⁵ Para consultar as edições da revista *Passo a Passo*, acesse <http://tilz.tearfund.org/Portugues>

Elsie diz que vivemos numa cultura de classe e que a maioria dos empresários não pensa no pobre.

Klênia afirma que todos estão falando a mesma coisa, já que temos que atingir a todos, tanto a criança quanto o agente social e os diretores. “O que estamos dando é uma pequena contribuição. Vamos começar por isso. Os desdobramentos virão com certeza”.

Débora diz que fica difícil tirar uma “mãe social” do projeto pelo período de cinco dias. Mas Klênia questiona: “se nós nos ausentamos do projeto, por que o agente social não pode?”

Janice acha que a ausência do agente para participar do treinamento não é tão inviável, porque é possível conseguir substitutos.

Segundo Elsie, esse fato só comprova como a realidade de trabalho do agente social é dura, pois nem se ausentar por uns dias ele pode.

Tércio acha que os parceiros devem se envolver com o projeto e depois avaliá-lo. Temos que valorizar a iniciativa e reforçar a idéia de que é importante que MD chegue às mãos dos agentes.

Débora esclarece que achou a idéia ótima, no entanto, quer saber como ela será encaminhada.

Carlos Queiroz aconselha que é preciso levar em consideração a geografia e o efeito multiplicador do projeto.

Klênia avisa aos parceiros que eles podem indicar no formulário quantos cartazes do DMO desejam receber.

Elsie pede para que os presentes analisem as edições da revista que já foram feitas e digam qual delas deve ser abordada novamente.

Welinton aponta que MD não abordou o tema “inserção nas políticas públicas”. Marilene completa que também está faltando tratar do assunto do protagonismo infantil.

Elsie sugere que a sessão sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) seja substituída pelo tema de políticas públicas, que é mais amplo. Todos concordam.

Débora informa que ela precisará ir embora porque recebeu a notícia de que sua sogra faleceu. Mas fez questão de parabenizar toda a EE pelo trabalho realizado.

Derci informa que também será obrigado a se despedir, porque tem outro compromisso. Ele diz que está alegre pelo trabalho da EE e agradece pelo encontro, em nome de todos os parceiros.

Jantar

Feira das Rodas: 19h30

Os parceiros expõem os seus recursos didáticos e de divulgação. Eles também são convidados a orarem com um grupo de adolescentes atendidos pela Rebusca.

2º DIA (sábado)

Ceia: 7h15

O dia começa com a santa ceia ministrada pelo Pr. Carlos Queiroz. Além dos elementos tradicionais, pão e vinho, ele também usou pedaços de limão e de doce de goiaba como metáforas da vida: limão – amargura; doce – lições aprendidas.

Devocional: 8h55

O Pr. Carlos Queiroz faz uma reflexão bíblica sobre a criança. Ele desafia os presentes a construírem uma teologia a partir do olhar do ser criança e do olhar da própria criança. Segundo ele, devemos deixar a criança sempre transmitir para nós sua própria teologia: o choro, o olhar, etc. “Presumo ser um reducionismo pensar na teologia que a criança constrói. Ela não constrói teologia, ela a vive”. Queiroz desafia os presentes a decodificarem e perceberem a teologia que a criança vive com a mesma percepção de Jesus que colocou uma criança no colo. Para ele, precisamos de uma cosmovisão a partir da criança que há dentro de nós, pois o adulto perdeu a sensibilidade e a beleza por tornar-se tão pragmático.

Sobre os próximos temas de MD

Elsie diz que é preocupação da EE usar uma linguagem mais próxima do agente social, sem chavões.

Tércio acredita que MD precisa aprofundar a discussão de defesa de direitos.

Elsie diz que todos os assuntos têm níveis de aprofundamento e de efeitos. “É muito importante lembrar disso, porque a transformação é milagre e causada por estímulos”.

Tércio sugere que MD conte a história da defesa de direitos, experiências atuais de ação e defesa de direitos. “Temos que ir atrás dos direitos e saber como fazer”.

14 temas são colocados para votação:

- Auto-estima
- Bulling: Violência nas Escolas
- Capacitação e Desenvolvimento Profissional (do agente)
- Criança e a Mídia
- Deficientes: Crianças com Necessidades Especiais
- Defesa de Direitos
- ECA – A criança e a Lei
- Empreendedorismo ou Geração de Renda para Adolescentes
- Guerra Espiritual
- Protagonismo Infanto-juvenil
- Psicologia do Desenvolvimento Infantil ou Desenvolvimento Emocional da Criança
- Remuneração versus Voluntariado
- Teologia da Criança
- Trabalho Infantil

Destes, os parceiros têm que escolher três que serão tratados nas próximas edições de MD. Em um primeiro turno de votação são escolhidos cinco temas. Para o segundo turno de votação, a EE pergunta aos parceiros se dos assuntos já abordados pela revista nas edições anteriores há algum que deveria ser tratado mais uma vez, com mais profundidade. Eles escolhem o tema *Disciplina: treinando o caráter* (publicado em julho de 2003) e dão um novo título a ele:

Desenvolvendo o Caráter. Escolhidos os seis temas, começa o segundo turno de votação. O resultado final foi o seguinte, em ordem de preferência:

1. Defesa de Direitos (geral)
2. Protagonismo Infantil (criança)
3. Teologia da Criança
4. Desenvolvimento do caráter (criança)

A EE pode alterar os títulos dos temas, conforme a necessidade de transmitir melhor clareza de sentido. A ordem de preferência dos temas escolhidos não indica necessariamente a ordem de publicação dos mesmos.

Elsie dirige a dinâmica para discussão dos temas escolhidos. A idéia é que todos possam refletir e aprofundar sobre os assuntos. Os parceiros são divididos em quatro grupos. Numa folha de papel, uma pessoa de cada grupo deve desenhar uma “árvore de problemas”: as raízes são as causas dos problemas e os frutos são as conseqüências. Todos participaram da dinâmica.

Definições

Klênia aproveita a dinâmica para solicitar aos parceiros que indiquem especialistas nas áreas que envolvem os temas escolhidos.

Elsie lembra da importância comunicativa das histórias e diz que os parceiros devem enviar para a EE as histórias que eles conhecem.

Klênia comenta as respostas dos parceiros que preencheram o formulário. Os encaminhamentos discutidos para os três desafios foram aceitos por todos.

Sobre o *Claves*, os parceiros indicam o Rio de Janeiro como o melhor lugar para realizar o treinamento dos agentes sociais. Mas há também a disponibilidade do Exército de Salvação de sediar o evento em São Paulo. Os representantes do Exército de Salvação (SP) e da OSFA (RJ) concordam em sediar o evento, mas precisam primeiramente consultar suas diretorias. Fica decidido, então, que o Rio de Janeiro sediará o treinamento, se a OSFA ceder o espaço de suas instalações. São Paulo fica como segunda opção.

O Pr. Carlos Más encerra o Encontro Anual dos Parceiros da revista MD com uma oração. Todos acompanham a oração, de mãos dadas. Carlos agradece a Deus pelo encontro e pede que o Senhor cuide das crianças.

Término: 10h30

Legendas:

DMO: Dia Mundial de Oração Por Crianças e Adolescentes em Situação de Risco

EE: Equipe Editorial

EU: Editora Ultimato

GG: Grupo Gestor

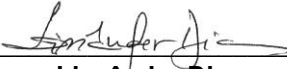
JPC: Juventud para Cristo

MD: Mãos Dadas

MJN: Movimiento Juntos Por La Niñez

Agradecemos:

- A hospitalidade de Iraci, Bete, Teresinha e Osmar;
- A voluntariedade de Eliza, Tatiane e Daniela.
- A presença de cada parceiro que enriqueceu grandemente a qualidade do encontro.
- A disposição e sabedoria do nosso colaborador Pr. Carlos Queiroz que contribuiu muito para a profundidade das discussões.



Lissânder Dias

Em 09 de maio de 2005.

Anexo 1:

Resultado da consulta sobre os quatro desafios (15 pessoas)

1. Estamos juntos no DMO 2005?

- Planejarei junto com a minha equipe atividades do DMO 2005 na organização a que pertencço = concordo enfaticamente (14); concordo parcialmente (01); não tenho condições de opinar (03).
- Comprometo-me a relatar à Equipe de Mãos Dadas as atividades que realizamos e os fruto que colhemos do DMO 2005 = concordo enfaticamente (12) ; concordo parcialmente (02); não tenho condições de opinar (01).

2. Estamos juntos no CLAVES?

- Tenho disposição para participar (ou para enviar uma pessoa chave da organização) de um evento demonstrativo da metodologia e do material = (concordo enfaticamente (10); não tenho condições de opinar (05).

- Pretendo adquirir o material traduzido para uso nos projetos da minha organização (concordo enfaticamente (11); não tenho condições de opinar (04).

Obs.: Os parceiros não decidiram em que lugar deve ser realizado o encontro do Claves: 03 escolheram Belo Horizonte, 03 Rio de Janeiro, 03 São Paulo, 02 Campinas, 02 Viçosa e 01 Sorocaba.

3. *Estamos juntos no projeto Amigos de Mãos Dadas?*

- Comprometo-me a escolher uma agente social da minha organização e designá-la como amiga de MD, entregando a ela a caixa e apoiando e incentivando-a nas atividades que ela passará a ter = concordo enfaticamente (09) ; concordo parcialmente (02); não tenho condições de opinar (04).
- Comprometo-me a liberá-la do trabalho durante 1 semana e cobrir os custos de sua participação no evento *Amigos de Mãos Dadas* = concordo enfaticamente (06); não tenho condições de opinar (09).

Resultado para escolha do local do encontro: 05 parceiros acham que o evento deve ser realizado no mesmo local e na mesma data do evento do Claves; 03 escolheram Viçosa; 01o Rio Grande do Sul; e 02 não opinaram.

4. *Estamos juntos no Juntos pela Infância?*

- Disponho-me a empreender esforços para divulgar na minha organização, com parceiros e igrejas com que me relaciono as informações e os “documentos” produzidos pelo Movimento = concordo enfaticamente (09) ; concordo parcialmente (04); não tenho condições de opinar (02)
- Disponho-me a participar (ou enviar representante) de um evento nacional a realizar-se em 2006 = concordo enfaticamente (07) ; concordo parcialmente (03); não tenho condições de opinar (05)